

## AS REFEIÇÕES DE JESUS EM LUCAS

Ildo Perondi\*

### **Resumo**

*O presente artigo analisa as dez refeições em que Jesus participa no Evangelho de Lucas. São refeições de acolhida e hospedagem, de solidariedade com os famintos ou refeições celebrativas com caráter litúrgico. A preocupação de Lucas não é descrever as refeições, mas ver como Jesus aproveitou este momento para ensinamentos e transmitir a sua mensagem. Jesus nos desafia para valorizarmos mais este espaço importante e necessário na nossa vida que é o momento da refeição. Ao mesmo tempo resta o desafio de olharmos para as multidões que hoje passam fome. O Evangelho nos motiva a denunciar o sistema que acumula e exclui e, ao mesmo tempo, construir uma sociedade onde haja partilha do alimento para que todos possam ser saciados.*

**Palavras-chave:** *Refeições. Lucas. Jesus. Fome. Partilha.*

### **Abstract**

*This text analyzes ten meals at Lucas's Gospel in which Jesus took part. They are meals of welcome and hosting, of solidarity with hunger ones or celebrating meals with liturgical characteristics. Lucas's concern is about not to describe the meals but to consider how Jesus used those moments to teach and transmit his message. Jesus challenges us to give more value to this important and necessary space in our lives that is meals time. At the same time remains the challenge of looking to the crowds that are hungry nowadays. The Gospel motivates us to report a system that accumulates and excludes and at the same time to build up a society that shares food with all the ones that can be satiated.*

**Keywords:** *Meals. Lucas. Jesus. Hunger. Share.*

\* Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma e Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Professor de Sagradas Escrituras na PUCPR (Campus Londrina).

## 1. Introdução

Jesus participa em dez refeições narradas no Evangelho de Lucas (Lc 5,27; 7,36; 9,10; 10,38; 11,37; 14,1; 19,1.5-7; 22,7; 24,30 e 24,42). Isso nos chama muito a atenção, pois indica a importância que o terceiro evangelista dedicava ao ato de alimentar-se. Jesus aceitava os convites para refeições e às vezes Ele mesmo se convidava. Talvez por isso mesmo que seus adversários chegaram a tachá-lo de “comilão e bebedor” (Lc 7,34; Mt 11,19).

As refeições de Jesus em Lucas podem ser qualificadas de três tipos: 1) de convivência e hospitalidade; 2) preocupação com a fome do povo; 3) refeições celebrativas com caráter litúrgico. Porém, os relatos não são tão “puros” assim, pois muitas vezes os três temas se misturam; um prepara os outros.

## 2. As refeições de convivência e hospitalidade

Serão analisadas, primeiro, as passagens onde Jesus participa em refeições de convivência e hospitalidade nas casas das pessoas, provavelmente junto com os seus discípulos. Estas refeições são o ponto de partida, por isso temos poucas informações sobre elas, o verdadeiro objetivo de Lucas, ao narrá-las, é indicar como Jesus aproveitou a ocasião para transmitir ensinamentos e sua mensagem.

### 2.1. Na casa de Levi (5,27-32)

Levi é o mesmo que no Evangelho de Mateus é chamado “Mateus” (9,9); e no Evangelho de Marcos se diz ainda que ele era “filho de Alfeu” (2,14). Ele é mencionado na lista dos Doze Apóstolos (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15; At 1,13). Mateus significa “dom do Senhor”. Só Lucas traz este detalhe importante: Levi aceitou o chamado de Jesus e “deixando tudo” seguiu o Mestre, assim como fizeram os primeiros discípulos (5,11).

Logo em seguida ao chamado, Levi oferece um banquete a Jesus e do qual participam os excluídos e pecadores, o que causa a murmuração dos fariseus que ficam de fora. Jesus não só vai almoçar com os pecadores, mas chama um deles a fazer parte do seu grupo. Mais que o chamado de Levi, o texto revela a missão de Jesus: salvar os que estavam perdidos.

Levi pertencia ao grupo dos cobradores de impostos, também chamados de publicanos. Os cobradores de impostos eram malvistas pelo povo. Em qualquer parte do mundo, ninguém simpatiza com cobradores de contas. No entanto, na Palestina os publicanos eram odiados ainda mais porque recolhiam os impostos para o império opressor (os romanos) e porque geralmente eram ladrões, isto é, cobravam além do que era estabelecido.

Levi oferece um grande banquete. É a festa da alegria e da confraternização. Para a cultura da época, estar à mesa com os amigos era estar em paz com Deus.

Para os legalistas, comer com os pecadores era participar da sua condição. Quem faz a crítica ao comportamento de Jesus são os fariseus e seus mestres. O termo “fariseu” significa “separado”. Eles não queriam se misturar com as pessoas que consideravam pecadoras para não se tornarem impuros. Por isso, ficaram de fora murmurando e não participaram do banquete. Sua pergunta e recriminação não se dirigem a Jesus, mas aos discípulos.

A ocasião torna-se motivo para um ensinamento de Jesus. Ele se compara a um médico (Lc 4,23). O médico deve preocupar-se com os doentes mais do que com aqueles que estão sãos. E Jesus é o médico de corpos e de almas, que quer salvar a pessoa como um todo (MAZZAROLO, 2004, p. 14.). Por isso vai buscar os pecadores, mistura-se com eles, para poder conquistá-los e salvá-los.

## *2.2. Na casa do fariseu, uma mulher lhe beija os pés (7,36-50)*

Somente Lucas narra uma passagem importante que retrata um fato sobre a hospitalidade a Jesus quando aceitou o convite de um fariseu, chamado Simão, e foi comer em sua casa, reclinando-se à mesa. A refeição foi interrompida bruscamente com a entrada em cena de uma mulher pecadora da cidade, sem nome. Esta mulher trouxe um frasco de perfume de alabastro e, ficando por trás de Jesus, aos seus pés, chorou e com suas lágrimas banhou os pés do Senhor e enxugou-os com seus cabelos, cobrindo-os de beijos e unguendo-os com o perfume que trouxera em abundância.

A atitude da mulher causou a indignação do fariseu que emitiu um juízo severo sobre Jesus, pois – segundo ele – deveria saber quem era a mulher que estava unguendo seus pés. A reação de Jesus contra o fariseu é justamente para reclamar da falta de hospitalidade, contando uma parábola e depois fazendo a comparação entre a atitude do fariseu e da mulher. Jesus entrou na sua casa e Simão não derramou água para lavar os seus pés; o fariseu não deu o beijo da acolhida; não derramou óleo sobre a cabeça. A mulher, ao contrário, demonstrou muito amor, pois fez tudo isso e muito mais: ela regou os pés de Jesus com lágrimas e enxugou-os com os cabelos; ela não parou de cobrir os pés de Jesus com beijos; ela ungiu os pés de Jesus com o seu perfume (7,44-46).

É importante notar que Jesus esperava a hospitalidade do fariseu praticante que tinha casa e tinha nome. Porém, este não se dignou a dar a boa acolhida que Jesus merecia. O peregrino que chegasse deveria ser recebido com atenção, começando pelo copo de água, em seguida o lavar dos pés, dar um calçado limpo e, depois do banho, seria revestido com um hábito que substituíria a roupa suada da longa caminhada (VIRGILI, 2015, p. 1005). A mulher, por sua vez, não tem casa, não tem nome. Devido à sua condição – é chamada de “pecadora”, tanto pelo redator (7,37) quanto pelo fariseu (7,39), então é possível que fosse uma prostituta – não podia nem beijar o rosto de Jesus, por isso contentou-se em beijar os pés (detalhe importante: os “pés” aparecem sete vezes no texto original).

Aqueles pés de Jesus calçados pelas sandálias, cheios da poeira do solo, talvez esfolados diante das longas caminhadas, não tiveram a acolhida por parte do fariseu que deveria ter cumprido a lei da hospitalidade. Os pés de Jesus, no entanto, receberam o cuidado da mulher que amou muito. O fariseu, com casa e com nome, representa a Lei sem amor e aqueles que a colocam acima da vida; a mulher anônima representa o povo pobre e espoliado que sabe acolher o Mestre e dar-lhe o devido cuidado. Legalismo e amor se contrapõem aqui como em todo o Evangelho.

### *2.3. Na casa de Marta de Betânia (10,38-42)*

Só Lucas narra o episódio quando certa mulher, de nome Marta, recebeu Jesus e sua caravana. Eles estavam a caminho de Jerusalém (9,51). No início da viagem os samaritanos mostram uma postura fechada e não o acolhem, “pois estava a caminho de Jerusalém” (9,53). Marta, por sua vez, oferece sua casa para acolher aquele que não tem uma pedra sequer onde reclinar a cabeça (9,58). O texto não menciona as refeições em Betânia, mas devemos supô-las, já que Marta estava muito ocupada seguramente na sua preparação.

Na casa habitavam duas irmãs. O texto inicialmente não se preocupa muito em dar informações sobre Marta, mas caracteriza Maria. A atitude de Maria é aquela do verdadeiro discípulo: está aos pés de Jesus e aprende com ele. Todos aqueles que “ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (6,47; 8,21) podem considerar-se íntimos de Jesus, como se fossem sua própria família. Nesta nova família formada por Jesus não são só os homens os autorizados a escutar e a discutir a Torá. O ensinamento às mulheres era uma novidade (ERNST, 1997, p. 502). Também as mulheres podem fazer-se discípulas de Jesus (8,3).

Enquanto Marta oferece uma casa física para Jesus, Maria oferece uma casa interior, ou seja, ela mesma. Seus olhos admiram seu rosto, seus ouvidos escancaram-se à sua palavra. Maria está como que magnetizada por Jesus e delicia-se do seu amor. Ela nem nota o desapontamento de Marta. Pode alguém reprová-la? Não importa. Jesus a aprova, e isso lhe basta. Maria não diz uma palavra sequer no texto. O seu silêncio é abandono total ao seguimento de quem renunciou a si mesma (9,23), é atitude de escuta da Palavra que sai da boca do Senhor.

Marta recorre a Jesus para pedir ajuda já que sua irmã a deixou sozinha nos trabalhos. É uma atitude estranha e até inusitada, já que era ela a proprietária da casa e tinha autoridade para solicitar a ajuda à sua irmã menor. E Jesus, naquele instante, não passava de um hóspede. Que autoridade teria sobre Maria? Um hóspede não podia dar ordens a quem o hospedava (VIRGILI, 2015, p. 1006). E o pedido que Marta faz é para que Jesus ordene a Maria que vá ajudá-la.

Marta mostrou-se uma mulher zelosa pela organização de seu espaço, porém deve compreender a grandeza de estar aos pés de Jesus e a força simbólica

e real que isto carrega. Na verdade, acolhido, Jesus acolhe e ensina o mistério da acolhida do Pai nos irmãos e irmãs, que são seus filhos e filhas. Enquanto está na casa de Marta, Jesus revela o mistério do Pai e do Filho a quem o escuta. Cura com o bálsamo da sua presença, perfuma o ambiente com o vinho da sua palavra, para que possam segui-lo no caminho que Ele abre enquanto aponta o caminho de Jerusalém, onde cumprirá o plano salvífico de Deus para toda a humanidade.

Maria mostra outra forma de acolher Jesus. Ao seu chamado, responde “eis-me aqui” e acolhe a Palavra. Ela se antecipa ao que Jesus dirá logo adiante: “Felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a observam” (11,28). Maria torna-se discípula do próprio Senhor. Diante de duas posições diferentes, Jesus também terá que optar por uma delas. Especialmente quando a dona da casa quer tirar Maria de sua posição de escuta da Palavra e levá-la ao cumprimento do dever que lhe cabe como moradora. Ela escolhe Jesus como árbitro da situação e a sentença é direta. Jesus se posiciona com a liberdade do amor e convida Marta a transformar-se em Maria (FAUSTI, 2011, p. 401), mostra que o serviço e acolhida devem combinar com discipulado e com a prática do amor.

A casa que acolheu a comitiva de Jesus e seus discípulos não é descrita com detalhes por Lucas. Estranhamente a casa pertence a Marta (10,38). Isso também foge das normas daquela época. Era o filho homem quem herdava as propriedades dos pais. Lázaro nem é mencionado no relato de Lucas. Quem nos diz que Lázaro morava aí, e que era irmão das duas mulheres, é o Evangelista João (Jo 11,1-45; 12,1-8). Porém, no Evangelho de João, a casa é também de Maria (Jo 11,45).

E, no entanto, o relato guardou silêncio sobre a acolhida que Marta deve ter feito a Jesus e aos membros da sua comitiva. É quase impossível que a Marta, que dedicou tanta atenção para preparar a refeição para Jesus, não tenha dispensado todos aqueles cuidados que era comum na sua época: dar a água de beber, lavar os pés e enxugá-los, providenciar um calçado limpo e uma veste nova para os hóspedes. A repreensão de má acolhida que Jesus dedicou ao fariseu (7,44-46) não está presente na fala de Jesus com Marta.

Desta forma “não é exato contrapor Marta e Maria como ação e contemplação. Lucas quer simplesmente purificar a ação na contemplação” (FAUSTI, 2011, p. 401). A contraposição deve ser vista na ação não baseada sobre a Palavra de Deus. E a palavra de Jesus “deve ser oposta a qualquer preocupação temporal” (FEDERICI, 2007, p. 41). As duas mulheres não estão simplesmente em oposição uma contra a outra: elas são irmãs! A contraposição deve ser vista somente daquela que quer chamar a outra ao seu dever. O que está faltando em Marta é o “escutar” e daí nascerá o serviço feito com amor e caridade, exemplo daquele que constrói a casa sobre a rocha, que “escuta as minhas palavras e põe em prática” (6,47-49). Marta poderá permanecer contemplativa na sua ação de preparar a hospitalidade para Jesus e sua comitiva. O serviço prestado com amor também é importante, porém não deve remover aquele momento dedicado a ficar à escuta da Palavra de Deus, aqui visto no sentido passivo da escuta (ERNST, 1997, p. 501).

Embora o texto não informe, já que não era o objetivo do narrador, é preciso recordar que a estadia de Jesus na casa de Marta deve ter-se prolongado (não sabemos quanto tempo, se uma noite ou vários dias). “De qualquer modo, quando se colocaram à mesa Jesus, Maria e Marta e todos os convidados comeram aquilo que Marta havia preparado” (FEDERICI, 2007, p. 41). Ou seja: por mais que Maria tenha escolhido a melhor parte, ela e Jesus vão precisar de Marta para que a hospitalidade e a caridade se tornem completas.

Sem dúvida, Marta cumpre um serviço necessário que não deve ser desprezado, especialmente no contexto dos cuidados reservados aos mensageiros do evangelho que se encontram no caminho (ERNST, 1997, p. 503). Ela se comporta da mesma forma que o samaritano que acolheu o homem caído à beira do caminho; ela se tornou próxima de Jesus que chegou cansado da viagem e necessitava de cuidados e atenção.

Para o peregrino de todos os tempos resta sempre um olhar de esperança para Betânia no caminho de quem sobe de Jericó em direção a Jerusalém. É nesta região íngreme, desabitada e perigosa (Lc 10,30), que existe sempre a possibilidade de passar por lá e encontrar um recanto seguro e acolhedor: é a casa de Marta de Betânia. Foi nesta casa que Jesus e sua comitiva tiveram uma boa hospitalidade, onde encontraram abrigo e repouso, um lugar para descansar na longa caminhada. A casa de Marta tornou-se também o espaço para o anúncio da sua mensagem. A dona da casa pode até receber uma chamada de atenção da parte de Jesus, mas é graças ao seu serviço e acolhida que sobra espaço para que sua irmã Maria e os demais possam ouvir a Palavra de Deus.

#### *2.4. Na casa de um fariseu, ao seu modo (11,37-54)*

Jesus e sua comitiva estão a caminho de Jerusalém, porém não é possível localizar a cidade em que a refeição aconteceu. Lucas informa que Jesus está ensinando e um fariseu o convidou para almoçar em sua casa. Jesus aceitou e pôs-se à mesa. Embora o texto não mencione, podemos imaginar que toda a comitiva que ia com Jesus também tenha participado do almoço.

O fariseu aproveita da ocasião para observar o comportamento de Jesus e fica impressionado porque Jesus não fez as abluções antes de iniciar a refeição. É importante destacar que não se trata de comer com as mãos sujas. Jesus deve ter lavado as mãos. O que Ele não fez foram os ritos de purificação que os fariseus costumavam fazer, segundo a Lei. Estes ritos estavam presentes nas tradições orais e eram observados à risca pelos fariseus. Assim, o almoço acaba sendo uma arapuca onde querem apanhar Jesus que se comporta como Mestre.

O ensinamento de Jesus continua fazendo uma dura crítica voltada não somente ao dono da casa, mas a todo o grupo dos fariseus. O enfoque é dado sobre a questão da exterioridade e a interioridade da fé. Os fariseus se preocupam com

a parte exterior (*éxothern*) – aquele que aparece na superfície – e esquecem aquele interior (*ésothern*) onde se escondem suas malícias (VIRGILI, 2015, p. 1027).

Os fariseus se preocupam com as contaminações que podem vir de fora e esquecem suas maquinações internas e que causam separações entre os irmãos. Jesus preocupa-se com aquilo que cria a comunhão na comunidade e ensina que mais importante que a observância de certos preceitos é “a justiça e o amor de Deus” (11,42). A atitude de Jesus se assemelha à dos antigos profetas do AT.

Um dos legistas se sente ofendido e reclama (11,45). O ensinamento de Jesus se amplia com uma série de “ai de vós...”. Nada mais se relata sobre o almoço, mas Lucas informa que, ao sair de lá, “os escribas e fariseus começaram a persegui-lo terrivelmente” (11,52). Não contentes com as práticas exteriores de Jesus, agora buscam algo que saia da sua boca (interioridade) onde possam surpreendê-lo e incriminá-lo.

O texto que segue mostra Jesus novamente na companhia que prefere: as multidões que acorrem aos milhares a ponto de se esmagarem uns aos outros (12,1).

### 2.5. Na casa de um dos chefes dos fariseus (14,1-24)

O capítulo 14 de Lucas inicia com a informação que Jesus entrou na casa de um dos chefes dos fariseus para tomar uma refeição. É a terceira vez que Jesus foi tomar refeição na casa dos fariseus (Lc 7,36; 11,37; 14,1). Isso mostra um apreço de Jesus em relação a eles, embora essas refeições sempre terminem em conflitos. Não sabemos qual foi a refeição, pois não é informado o horário. No ensinamento que Jesus faz primeiro se refere a “um almoço ou jantar” (14,12). No ensinamento seguinte, Jesus conta uma parábola sobre um homem que deu “um grande jantar” (14,16).

Lucas não informa se Jesus foi convidado, embora a impressão que o texto deixa é que a iniciativa tenha sido do próprio Jesus. A refeição foi num dia de sábado. O normal era Jesus ter ido à sinagoga e não na casa do chefe dos fariseus. O texto diz que “eles” o espiavam. A princípio não sabemos quem são os espiões, porém logo percebemos que na casa há um doente, um hidrópico e, antes de curá-lo, Jesus dirige a palavra a este grupo que o espia. São os legistas e fariseus (14,3).

Jesus aproveita a ocasião para ensinar. A primeira parte (14,7-11) é dirigida aos convidados, já na segunda parte (14,12-14) Jesus se dirige ao dono do banquete. Se aos convidados Jesus diz que devem escolher os últimos lugares, ao dono da casa Ele ensina a escolher os últimos da sociedade. O motivo aparece na imediata sequência do Evangelho: é assim que Deus age! (14,15-24).

Durante a refeição Jesus notou como os convidados escolhiam os primeiros lugares. Os demais convidados ao banquete deviam ser fariseus. Eles se esforçavam para ocupar os primeiros lugares. Assim como fazem na mesa, estes fariseus

julgam também serem eles os primeiros diante de Deus. Este comportamento dos fariseus é motivo para que Jesus conte a parábola – que só está no Evangelho de Lucas (14,16-24). A parábola fala da festa de casamento, com certeza Jesus quer indicar para as núpcias do Cordeiro, o banquete do Reino de Deus.

No seu ensinamento, Jesus inverte a lógica do mundo, ensinando a ocupar os últimos lugares e não os primeiros. Parece loucura, mas esta é a lógica de Deus. Lucas já havia indicado isso no Magnificat de Maria: “Deus dispersa os orgulhosos e derruba os poderosos dos seus tronos” (1,51-52). É assim que Deus age e é assim também o modo de agir de Jesus, como se pode ver na *kênosis* (Fl 2,7), na encarnação, na manjedoura, na infância em Nazaré, no agir nas periferias e em favor dos menos favorecidos.

Jesus ensina que “quem se eleva, será humilhado e quem se humilha, será elevado”. Nota-se a inversão das lógicas mundanas onde as pessoas buscam “levar vantagem em tudo”. É a lógica do capitalismo selvagem, daqueles que sobem pisando os outros, deixando atrás de si as massas de excluídos. Outra é a lógica do nosso Deus: “Deus resiste aos soberbos, mas dá de graça aos humildes” (1Pd 5,5). A Carta de Tiago nos ensina: “Humilhai-vos diante do Senhor e Ele vos exaltará” (Tg 4,10). É a lógica do serviço e não do poder ensinada por Jesus: “Entre vós não seja assim” (Mc 10,43).

No ensinamento de Jesus há outra inversão de valores: “Não convides teus amigos e parentes” (14,12). Convidar os amigos e parentes, sobretudo os mais abastados, demonstra um objetivo interesseiro, com segundas intenções. Agindo assim, espera-se já a retribuição, isto é, que estes convidados também em seguida repitam o convite.

Jesus pede para convidar os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos. São quatro categorias de pessoas excluídas. Convidá-las para um banquete é dar-lhes uma oportunidade que a sociedade não dá. É valorizar as pessoas por aquilo que elas são e não pelo que elas têm. Deus escolheu os pobres e com eles se identificou. Deus escolheu os pobres para serem ricos na fé e herdeiros do Reino (Tg 2,5).

Além disso, convidar os excluídos é uma atitude gratuita, generosa... Estes nunca poderão retribuir, portanto, quem assim procede fica com crédito, não diante destas pessoas, mas diante de Deus, como lembra o provérbio: “Quem dá aos pobres, empresta ao Senhor e Ele dará a sua recompensa” (Pr 19,17). Por isso os pobres, acertadamente, repetem quando são ajudados: “Deus lhe pague!”

Jesus mostra o espírito novo que devem ter os seus discípulos, tão diferente daqueles que escolhem os primeiros lugares no banquete da vida. Ao fermento dos fariseus Jesus contrapõe o fermento do Reino. Não são normas de civilidade ou táticas mais ou menos inteligentes: é a revelação do julgamento de Deus, cujos critérios são muito diferentes dos nossos. É por isso que o Pai ama os últimos e nós também devemos amá-los (14,12-14). Na verdade, só eles participam do banquete do Reino (14,15-24), aquele que a Misericórdia prepara para o Filho perdido que voltou à casa do Pai (15,11-32).



## 2.6. Na casa de Zaqueu (Lc 19,1-10)

Em Lucas, Jesus anunciou que o evangelho e o Reino são para os pobres (4,18; 6,20), mas há também uma evangelização dos ricos. Só em Lucas encontramos a passagem deste encontro em Jericó. A cena é, juntamente com as parábolas do bom samaritano e do Pai misericordioso, um “evangelho no Evangelho”, tal a sua centralidade na proposta cristã.

Jesus entrou em Jericó e estava atravessando a cidade. Ele está na última etapa da sua viagem em direção a Jerusalém, iniciada em 9,51, e se encontra com Zaqueu, nome que quer dizer “o puro” ou “Deus recorda”. Ele é um cobrador de impostos (publicano), um pecador. Pessoas como ele eram malvistas, pois cobravam impostos para os romanos, e assim ajudavam a sustentar o império que dominava o povo. Além disso, os cobradores de impostos aproveitavam-se desta condição para extorquir e roubar do povo. Eles enriqueciam enquanto o povo era explorado e empobrecia. Zaqueu era o chefe destes cobradores de impostos na região de Jericó. Assim, Zaqueu é malvisto pelo povo e também pela religião da época, pois feria um dos principais mandamentos da Lei que proibia roubar (Ex 20,15; Dt 5,19), por isso era uma pessoa considerada impura do ponto de vista religioso.

O centro do relato é o desejo de ver de Zaqueu e o olhar que Jesus lhe lança. Então Zaqueu corre. É preciso imaginar a cena: um homem importante, baixinho em estatura, correndo e subindo numa árvore como se fosse uma criança! Porém, assim como ele queria subir na vida de modo fácil, achou que subindo na árvore poderia encontrar-se com Jesus.

Não é Zaqueu que vê Jesus, mas é Jesus quem vê Zaqueu! E é Jesus que lhe dirige a palavra. Jesus o chama e o convida a descer depressa da árvore. “Zaqueu, desce depressa, pois hoje eu devo ficar na tua casa” (19,5). Não é em cima de árvores (no alto), mas lá no chão da vida que se dá o encontro com Jesus. Com a mesma pressa que correu para subir, deverá agora descer para o encontro com o Jesus que vai acontecer lá na sua casa, onde não haverá pressa, pois Jesus irá ficar lá.

Jesus conhece Zaqueu, sabe seu nome. É outra característica do Evangelho de Lucas onde Jesus chama pessoas pelo seu nome: o fariseu Simão (7,40); Marta (10,41), Simão Pedro (22,31), Judas (22,34.48). Jesus chama pelo nome somente pessoas em situação de miséria, às quais Ele está convencendo que esta situação precisa ser mudada. Por outro lado, só quem necessita de misericórdia é que chama Jesus pelo nome: os dez leprosos (17,13); o cego na entrada de Jericó (18,38), o bom malfeitor crucificado junto com Ele (23,42).

E Jesus vai almoçar na casa de Zaqueu; Ele se convida para entrar e fazer refeição. Jesus, o Santo, entra na casa de Zaqueu, o pecador, sem preconceitos

e sem fazer julgamentos. Ele entra para partilhar e para trazer a salvação. E a mesa é o lugar; o “hoje” é o tempo. O “hoje” é uma expressão muito cara a Lucas (2,11; [3,22]; 4,21; 5,26; 12,28; 13,32.33; 19,5.9; 22,34; 22,61; 23,43), é o tempo cronológico da salvação, mas sobretudo “hoje” é o tempo do *kairós*, da graça de Deus que está chegando. É “hoje” que Jesus entra na casa de Zaqueu onde entra também a salvação.

Zaqueu respondeu com prontidão e “recebeu-o com alegria” (19,6). É a mesma alegria de Isabel (1,42-44), dos pastores de Belém (2,10-20), da multidão que se alegrou com as maravilhas que Jesus realizava (13,17), do pastor e da mulher por recuperarem o que haviam perdido (15,5.9), será com alegria que Jesus será acolhido na entrada em Jerusalém (19,37) e com alegria a comunidade o acolhe depois da ressurreição (24,52). Os legalistas, por sua vez, ficaram lá fora. Eles murmuram e reagem contra Jesus, acusando-o de hospedar-se na casa de um pecador. Já fizeram isso antes, quando acusaram Jesus de ser amigo de publicanos e pecadores e comer com eles (7,34; 15,2).

Sem que Jesus lhe peça, o próprio Zaqueu manifesta a sua condição de pecador arrependido. E, como sinal de conversão, põe-se de pé e promete partilhar o que tem e devolver o que havia roubado, segundo a Lei (Ex 21,37; 22,3.6; Lv 5,21-24; 2Sm 12,6). Zaqueu faz o que já havia profetizado João Batista (3,11), o que havia pedido Jesus (11,41; 12,33; 16,9). Ele deixa de ser um ladrão para tornar-se novamente um irmão daqueles que antes havia explorado. O dinheiro roubado deixa de ser motivo de divisão entre irmãos, passa a ser um meio de comunhão e de justiça.

Zaqueu era da raça dos judeus, mas tornou-se pecador, impuro. Com isso, afastou-se da Aliança que Deus havia estabelecido com os pais da fé (Gn 17,1-10). A ação misericordiosa de Jesus restaura a vida e a condição de Zaqueu que volta a ser integrado no projeto salvífico de Deus Pai. Jesus restitui a Zaqueu a sua condição de filho da Aliança, Zaqueu “é um filho de Abraão” (19,9). E, por fim, Jesus afirma sua missão: procurar e salvar o que estava perdido.

O relato apresenta um rico que se salva. Jesus mesmo ensinou que é difícil para um rico entrar no Reino (18,22). Mas disse também que para Deus nada é impossível (18,27). O texto mostra, portanto, que a salvação é para todos. Apesar dos seus pecados e da sua condição de pecador e impuro, Zaqueu ainda guardava o desejo da sua antiga dignidade, por isso queria ver e conhecer Jesus. Por outro lado, vai se cumprindo a missão de Jesus: salvar os que estavam perdidos e para isso Ele arrisca perder a própria vida (9,24; 17,33). Em Lucas o perdão a Zaqueu se une aos “grandes perdões”: à pecadora (7,31-49); ao “filho pródigo” (15,11-32); ao “bom malfeitor” na cruz (23,39-43). Jesus vem para salvar os pecadores, como afirma Paulo, salvo no caminho de Damasco: “Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro” (1Tm 1,15).

### 3. Refeição e preocupação com a fome do povo (9,10-17)

O relato da multiplicação dos pães é narrado nos quatro evangelhos (em Mateus e Marcos é narrada também uma segunda multiplicação). Em Lucas a passagem é colocada entre o envio dos Doze (9,1-6) e a confissão de Pedro (9,18-21); marca um momento de amadurecimento da fé dos apóstolos e acontece quando os Doze retornam da missão (9,10). O relato tem relação com o maná do deserto e a Eucaristia. Este alimento que sacia, nutre e traz vida ao povo é também uma pedagogia que alimenta a fé.

O episódio acontece em Betsaida (a “casa da pesca”). O relato informa que Jesus acolheu as multidões, falava-lhes sobre o Reino de Deus e curava todos (9,11). É como um resumo da atividade de Jesus: Ele acolhe as multidões que vêm ao seu encontro, é a essas multidões que Jesus ensina, distribui o pão da palavra e cura a todos das suas enfermidades do corpo e da alma. Jesus se torna assim o ponto de encontro, agindo com cuidado e compaixão, para estas multidões abandonadas pelos poderes políticos e religiosos.

O dia começava a declinar (9,12), significa que a noite estava chegando. Esperava-se que a multidão fosse embora e, no entanto, o povo permanece aí. Junto com a fome da palavra, agora surge também a fome física do corpo humano. O texto remete a Emaús (24,13-35). Lá também caía a tarde. Os dois discípulos pedem “fica conosco” e há a partilha do pão.

Os Doze fazem um pedido a Jesus: “Despede a multidão, para que possa ir aos povoados e campos vizinhos procurar hospedagem e comida, pois estamos num lugar deserto” (9,12). Os apóstolos queriam Jesus somente para si. Despedir a multidão e que cada um resolvesse o seu problema seria a solução mais simples e individualista.

Jesus não responde ao pedido dos Doze; ao contrário, faz uma provocação, ensinando que sejam eles a ajudarem a resolver o problema: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (9,13). Ele não aceita nem a solução de “lavar as mãos” diante da fome alheia ou de cair em um assistencialismo, mas desafia a comunidade dos discípulos a achar uma saída baseada em uma nova proposta de vida – a da partilha!

O que os Doze têm é pouco: “cinco pães e dois peixes”. Porém, é o suficiente para iniciar a solução do problema. A grandiosidade da quantia necessária e a escassez do alimento querem mostrar a força do milagre realizado. Os pães, provavelmente de cevada (Jo 6,9), sem dúvida eram o alimento dos mais pobres, mas, vistos sob a luz da multiplicação de pães realizada por Eliseu (2Rs 4,38), podem ser também os pães das primícias, com a cevada recém-colhida. Os peixes dão a dimensão de banquete, já que o cardápio não seria só os pães secos que costumeiramente se comiam.

O texto grego traz *laós*, por isso, a tradução correta seria a esse “povo”, embora a maioria das traduções traga “a toda essa gente”. Esse povo em marcha e

faminto, como o povo que caminhava pelo deserto, é agora o novo povo de Deus. E estavam ali mais ou menos cinco mil homens. São contados, à maneira judaica, só os homens. Mulheres e crianças não se contavam (mas seguramente estavam presentes e iam comer também). O número “cinco mil” remete à comunidade primitiva depois do Pentecostes (At 4,4). Esta comunidade que era unânime na “fração do pão” e que “repartia o pão pelas casas”, onde “não havia necessitado algum” (At 2,42-47; 4,32-35). Há também uma relação entre os “cinco pães” e os “cinco mil”. Os pães são multiplicados por mil (bem maior que o de Elizeu, 20 pães para 100 pessoas, cf. 2Rs 4,42-44) (FAUSTI, 2001, p. 295).

A ordem de Jesus é para o povo sentar-se em grupos de cinquenta. Este gesto dá a ideia de sentar-se à mesa, de acordo com os costumes judaicos. Assim, Jesus não é só um taumaturgo que realiza grandes sinais, mas o presidente da mesa que reúne a todos. Mas há um sentido pedagógico para recordar que para a solução dos problemas do povo é necessária a organização dos grupos (Ex 18,20-21), como no sistema tribal.

Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos para o céu, abençoou-os, partiu-os e os deu aos discípulos para distribuí-los à multidão (9,16). São os mesmos gestos que Jesus cumprirá durante a Ceia (22,19). Jesus não pronuncia palavras de poder que indiquem a transformação dos pães e peixes em um banquete. Ele age como um pai de família em uma refeição com os seus, como um reflexo da relação que une os homens a Deus. Não são os discípulos os “garçons” do banquete, mas é o próprio Jesus quem distribui os pães a todos.

O resultado é que “todos comeram e ficaram saciados” (9,17a). Quando há o acúmulo, sempre há falta e desperdício. Quando há a partilha, todos ficam saciados. É a resposta de Jesus à primeira tentação do diabo (4,3-4). Jesus sacia a multidão sem necessitar transformar pedras em pães.

Foram recolhidos doze cestos dos pedaços que sobraram. É o número das doze tribos de Israel e indica que os Doze são encarregados do alimento espiritual da Igreja, o novo povo de Deus. Também os Doze distribuirão os dons recebidos em Pentecostes e da partilha do pão nas casas como faziam as primeiras comunidades cristãs. As sobras, por sua vez, dão o sentido de saciedade, mas também podem ser vistas em contraste com o maná no deserto, que não podia ser armazenado. Este pão que Jesus oferece é maior e é alimento que não se perde, ou seja, feito para a vida eterna.

O relato prefigura e anuncia a Ceia do Senhor e, vice-versa, assim esta não pode ser dissociada da partilha do pão diário e de outros bens entre os irmãos (1Cor 11,17-34). A multiplicação dos pães é um convite para que o homem reconheça que, além das necessidades físicas e materiais que todos temos, há a necessidade de buscar em nossa vida o alimento que não perece. Jesus se faz alimento com o que temos de menor, desde que coloquemos em suas mãos. O texto nos lembra que a participação eucarística exige compromisso com uma visão social,

baseada na partilha dos bens necessários para a vida, e não na acumulação da parte de alguns junto com a falta do básico para muitos. O Papa Francisco não cansa de bater nessa tecla, pois muitos cristãos não conseguem enxergar a relação essencial entre seguir Jesus, celebrar a Eucaristia, e a criação de uma sociedade baseada na solidariedade, partilha e justiça social.

#### **4. Refeições com caráter litúrgico e celebrativo**

##### *4.1. Ceia Pascal e instituição da Eucaristia (22,14-20)*

A última refeição do Jesus histórico (haverá ainda as refeições do Ressuscitado) acontece por ocasião da celebração da Páscoa, com a instituição da Eucaristia (22,14-20). Lucas narra que houve uma boa preparação para a Ceia (22,7-13), segundo os costumes judaicos. A Festa da Páscoa durava uma semana e era celebrada junto com a Festa dos Pães Ázimos (sem fermento). No primeiro dia eram imolados os cordeiros para a festa que durava em torno de três horas (no mínimo). A Páscoa era celebrada na casa da família (Ex 12,3). No entanto, os peregrinos quando estavam em viagem se reuniam em grupos para celebrar a Festa. Jesus assume o papel de chefe de família que era quem presidia a celebração.

Jesus enviou dois dos seus discípulos à cidade para preparar o local. A Ceia é realizada numa grande sala, no andar de cima. Alguns autores sugerem que este lugar era a casa da mãe de João Marcos, um local que era conhecido dos primeiros cristãos. É neste local que a comunidade se reúne após a Ascensão, onde ocorre o Pentecostes e onde costumavam se reunir (At 1,13; 2,1; 12,12).

Só Lucas relata que é o próprio Jesus quem manifesta o desejo de celebrar a Ceia: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer” (22,15). Dessa forma, o evangelho vai desenhando a Eucaristia à luz da Páscoa hebraica (22,14-16), que encontra sua realização na ceia cristã (22,17-20). O cordeiro pascal é substituído pelo pão partido; o cálice da bênção, pelo sangue da nova aliança (FAUSTI, 2011, p. 727). Os evangelhos não narram todo o rito da celebração da Ceia, mas somente a parte em que Jesus faz a mudança. Na celebração da Páscoa eram servidos três pães. No segundo pão, Jesus dá um sentido novo, sentido de Aliança. Também eram servidos quatro cálices de vinho. É no segundo, o cálice da redenção, que Jesus institui a Nova e Eterna Aliança.

Aquilo que Jesus celebra é prenúncio do que os discípulos vão celebrar depois da sua morte e ressurreição. O sangue derramado “por vós” dá sentido à Eucaristia que adquire o sentido de oferenda sacrificial pela redenção humana; por isso, Jesus ordena que eles façam o mesmo gesto em sua memória. Os irmãos, reunidos à mesa, celebrarão a memória do Senhor morto e ressuscitado, elevado ao céu e presente no meio deles; comem a sua páscoa, na esperança do seu retorno. A Eucaristia torna-se a Ceia do Cordeiro, o banquete em que Ele se faz nosso alimento, a memória da sua vida entregue por nós, a bebida do seu Espírito, as

primícias da glória eterna. Da Última Ceia nasceu a Eucaristia – a mesa do Pão – e o Evangelho – a mesa da Palavra.

#### *4.2. Com os discípulos de Emaús (24,13-35)*

Só no Evangelho de Lucas encontramos o relato dos discípulos de Emaús que é uma das pérolas do Evangelho. Com rara mestria e beleza, Lucas demonstra como o Senhor ressuscitado está presente na vida e no caminho das pessoas e como pode ser encontrado. Os dois peregrinos são símbolo de todos nós. De fato, nosso coração, nosso semblante e nosso caminho mudam quando encontramos o Vivente na mesa da Palavra e do Pão. O caminho desenhado por Lucas – do não reconhecimento (24,16) ao reconhecimento do Senhor (24,31.45) – é o caminho proposto ao leitor e à leitora que queiram fazer a experiência do encontro com o Senhor.

É o primeiro dia da semana, o domingo, dia da ressurreição do Senhor! Dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado e estão com medo (motivos para o medo é que não faltam!). Fogem da cidade grande, fogem do lugar onde foi morto o seu Mestre. Só sabemos o nome de um deles: Cléofas. Alguns biblistas sugerem que fossem um homem e uma mulher. Jesus se aproxima e começa a caminhar com eles e inicia um diálogo onde eles manifestam sua dor e tristeza. Através das Escrituras, Jesus abre sua mente para que entendam o que aconteceu à luz da história da salvação e das profecias. Jesus começa por Moisés e percorre todos os profetas (isso significa todo o AT). Usa o texto certo, na hora certa, para as pessoas certas, do jeito certo (como a canção do Pe. Zezinho).

A caminhada chega até a encruzilhada. Jesus faz de conta que vai embora. Eles o convidam para entrar na casa e ficar com eles. E então é formada a mesa da refeição. Jesus abençoa e parte o pão. Assim como a Palavra alimentou o espírito deles, o corpo também precisa ser alimentado e nutrido. Pão a ser partilhado deve ser pão abençoado e se torna pão eucarístico. Quando Jesus se torna refeição, entra dentro deles e por isso “pode ir embora fisicamente”. Mesmo ficando invisível, Jesus continua com eles. Eles então começam a refletir, fazem memória. Recordam como Jesus caminhou com eles e das coisas que Ele falou. Os discípulos recordam o efeito da Palavra: “ela fez o coração arder”. Foi o gesto da partilha que fez com que eles abrissem os olhos. Com o coração ardendo e com os olhos abertos eles enfrentam a noite escura, sem medo, e voltam para a cidade de onde fugiram, onde vão encontrar os outros irmãos que ainda estão com medo.

#### *4.3. Ressuscitado com a comunidade (24,35-48)*

Este relato da aparição de Jesus ressuscitado também só está no Evangelho de Lucas. Jesus manifesta-se aos Onze que estavam reunidos na casa e

aos dois discípulos que retornaram da experiência de Emaús (24,13-35). Tudo acontece ainda no primeiro dia da semana, mas a cronologia aqui tem pouco valor, pois entramos em um tempo novo onde as horas e os dias não contam mais. A presença de Jesus num primeiro momento causa susto e confusão. Mas logo ele se dá a conhecer, toma refeição com eles e dá as últimas instruções antes da sua ascensão.

Lucas quer fazer a ligação com o relato anterior dos discípulos de Emaús. Os dois discípulos haviam retornado e estavam ainda contando sobre a experiência com o Ressuscitado, com quem caminharam e partiram o pão. Então o Ressuscitado entra na sala e saúda a comunidade reunida, com a tradicional saudação judaica: “A Paz esteja convosco!” (24,36). Saúda-os com *Shalom*! Bem mais do que o que nós traduzimos por “paz”, o *Shalom* é a síntese de todos os bens dos últimos tempos, é dom de Deus. *Shalom* é harmonia plena, sinal de que as relações rompidas foram todas restabelecidas. Significa que Jesus não abandonou aqueles que o abandonaram.

Jesus se dá a conhecer, mostra suas mãos e pés com os sinais da crucifixão. A ressurreição de Jesus não foi uma simples reanimação de cadáver, o retorno à vida biológica anterior como foram as ‘ressurreições’ da filha de Jairo, do filho da viúva de Naim, do amigo Lázaro.

Os discípulos viram e ouviram, mas só entenderam através dos sinais da sua crucificação. O Ressuscitado é o Crucificado. Lucas insiste na corporeidade do Ressuscitado. Mesmo que o corpo do Ressuscitado tenha outras categorias (não tem mais as dimensões de tempo e espaço, Ele entra em qualquer espaço e desaparece), mas no que Lucas insiste é que há uma profunda identidade entre o Crucificado e o Ressuscitado.

Jesus pergunta se eles têm alguma coisa para comer. Eles oferecem um pedaço de peixe assado. E então toma o peixe e come diante deles. Lucas é o único evangelista que informa que Jesus ressuscitado toma uma refeição. A evangelização em ambiente helenista exige este dado. Os gregos – como os egípcios, já antes deles – acreditavam na imortalidade da alma, mas não na ressurreição dos corpos (At 17,18.32; 26,8.24). Além disso, tanto no mundo judaico como helenístico, as refeições eram momentos importantes de relacionamentos fraternos.

Agora novamente Jesus faz os discípulos entenderem que Ele cumpre as profecias. A totalidade da Bíblia conduz para Jesus e aos eventos a Ele relacionados e envia os discípulos em missão. O testemunho e o anúncio devem começar por Jerusalém. O Evangelho de Lucas converge para Jerusalém, basta ver que a metade do Evangelho é o caminho para Jerusalém (Lc 9,51–19,47). Foi em Jerusalém que Jesus deu o testemunho e é ali que começa também o testemunho dos discípulos. Depois deve chegar a todos os confins do mundo (At 1,8).

## 5. Considerações finais

Do estudo das refeições de Jesus no Evangelho de Lucas é possível tecer algumas observações importantes:

- a) Lucas é o evangelista que mais relata refeições de Jesus, porém o objetivo não é narrar as refeições em si, tanto que temos poucos detalhes do que era servido nelas. O objetivo é mostrar como este momento das refeições e acolhida tornou-se para Jesus uma oportunidade para ensinamento e anúncio da sua mensagem.
- b) A acolhida que Jesus recebeu é apresentada de modos diversos. Ele é recebido duas vezes na casa de pecadores: na casa de Levi, o cobrador de impostos (5,29-32), e na casa de Zaqueu, um pecador e publicano (19,1-10). E por duas vezes encontramos Jesus em refeições na casa de fariseus: Simão, o fariseu (7,36-50), e na casa de um dos chefes dos fariseus (14,1). No primeiro caso, os publicanos e pecadores receberam Jesus com alegria, enquanto que, no segundo, os fariseus o trataram com suspeitas e críticas.
- c) O tema do alimento em Lucas vai além das refeições de Jesus. O evangelho nos diz que Jesus percorria vilas e povoados e, com certeza, hospedava-se nas casas de quem o acolhia. Temos diversas parábolas sobre banquetes ou festas, ensinamentos em que são utilizados alimentos ou fermento. Em Lc 15 são narradas três parábolas da misericórdia, ou da recuperação do que estava perdido, e elas são direcionadas aos fariseus e escribas que murmuravam porque ele “recebe os pecadores e come com eles” (15,2).
- d) Há uma relação estreita entre as refeições que alimentam o corpo e a Eucaristia, o alimento espiritual que alimenta a vida e a caminhada do povo de Deus. Participar da Eucaristia é comprometer-se com o mundo da solidariedade e da partilha, onde os bens materiais serão distribuídos e partilhados, como sinal concreto do Reino de Deus que Jesus anunciou.
- e) Em Lucas há uma preocupação com a fome do povo e, sobretudo, com as causas que deixavam o povo faminto, doente e excluído. No *Magnificat*, Maria canta que Deus “cumulou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias” (1,53). Uma das quatro bem-aventuranças de Lucas é dedicada aos que passam fome (6,21a), com o correspondente “ai de vós” aos que estão saciados, porque terão fome (6,25a). Pedir ao Pai “o pão nosso cotidiano” faz parte da oração de Jesus (11,3). Só Lucas narra a passagem do rico que se banqueteara e do pobre Lázaro que saciava-se com as migalhas que caíam da sua mesa (16,19-31). Além destas, há tantas outras passagens contra os ricos que acumulam e de compaixão de Jesus com os pobres e famintos.



O presente artigo não pretendeu esgotar o tema, mas abrir pistas para discussão. Jesus, em Lucas, nos desafia para valorizarmos mais este espaço importante e necessário na nossa vida que é o momento da refeição. Ao mesmo tempo resta o desafio de olharmos para as multidões que hoje passam fome. O evangelho nos motiva a denunciar o sistema que acumula e exclui e ao mesmo tempo partilhar o alimento para que todos possam ser saciados.

### Referências

ERNST, J. *Il Vangelo secondo Luca*. Brescia: Morcelliana, 1997, 2 v.

FAUSTI, S. *Una comunità legge il Vangelo di Luca*. Bologna: EDB, 2001.

FEDERICI, G.C. *I pranzi nella Bibbia*. Roma: Edizioni AdP, 2007.

MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

VIRGILI, R. (org.). *I Vangeli: tradotti e commentati da quattro bibliste*. Milano: Ancora, 2015.

*Ildo Perondi*

Rua Orlando Maimone, 85 – Vale Tucanos  
86046-530 Londrina, PR  
freildo@hotmail.com